

Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Arte > Obra > Fluxos

Local: Museu Nacional de Belas Artes,
Rio de Janeiro,
Museu Imperial, Petrópolis, RJ
Data: 19 a 23 de outubro de 2010

Organização:
Roberto Conduru
Vera Beatriz Siqueira

texto extraído de
**Trânsitos entre
arte e política**

O programa iconográfico do palácio capanema: conciliação entre modernismo e política (1936-1945)

Sônia Maria Fonseca
Unicamp

Resumo

Esta comunicação tem como objeto a análise da concepção do conjunto artístico e paisagístico do Palácio Gustavo Capanema, do programa iconográfico estabelecido a partir da conciliação entre os pressupostos do humanismo, associado à política autoritária vigente e aos cânones do modernismo. Entende-se o humanismo como o interesse do homem no ser humano, o homem passa a ser a preocupação do próprio homem. É viável pensar a concepção do programa iconográfico do PGC, nessa chave interpretativa do humanismo, como um programa humanístico, que ora é amalgamado por valores cívicos e morais, ora por valores políticos e ideológicos de matriz autoritária.

Palavras-chave

Programa iconográfico; Palácio Gustavo Capanema (1936-1945); relação autoritarismo-humanismo-modernismo.

Abstract

This communication has the purpose of analyzing the design of the entire artistic and landscape Capanema Palace, the iconographic program established there from the reconciliation between the assumptions of humanism, coupled with the authoritarian political force and to the canons of modernism. It is understood humanism as the interest of man to man, man becomes the concern of the man himself. It is possible think the conception of the iconographic program of the PGC, this interpretative key of humanism, as a humanistic program, which is sometimes lumped together by moral and civic values, sometimes by political and ideological values of the authoritarian matrix.

Keywords

Iconographic program; Capanema Palace (1936-1945); relationship authoritarianism-humanism-modernism.

Parece-nos pertinente e eficaz analisar a concepção do conjunto artístico do Palácio Gustavo Capanema (antiga sede do Ministério da Educação e Saúde-MES, atual MEC, no Rio), na perspectiva do humanismo, pela educação humanística recorrente do período, na qual, certamente, foi forjada a formação intelectual do Ministro Capanema e de seu séquito de servidores.

Entende-se o humanismo como o interesse do homem no ser humano, em outras palavras o homem passa a constituir a preocupação do próprio homem. Numa certa acepção considera-se “qualquer movimento filosófico que tome como fundamento a natureza humana ou os limites e interesses do homem” (ABAGNANO, 2003, p.518).

No programa humanístico estão presentes as bases fundamentais assim expostas:

o reconhecimento da totalidade do homem como ser formado de alma e corpo e destinado a viver no mundo e a dominá-lo.[...]; o reconhecimento da historicidade do homem dos vínculos do homem com o seu passado, que por um lado, servem para uni-lo a esse passado e, por outro, para distingui-lo.[...]; o reconhecimento do valor humano das letras clássicas.[...]; reconhecimento da naturalidade do homem, do fato de o homem ser um ser natural, par ao qual o conhecimento da natureza não é uma distração imperdoável ou um pecado, mas um elemento indispensável de vida e de sucesso. (ABAGNANO, 2003, p.519)

Pensar a concepção do programa iconográfico do PGC, nessa chave interpretativa de valores e cânones do humanismo, como um programa humanístico, que ora é amalgamado por valores cívicos e morais, ora por valores políticos e ideológicos de matriz autoritária, é viável, portanto, mas convém ressaltar que há alguma contradição presente no conceito.

Um programa iconográfico diz respeito à junção e à conciliação dos motivos (temas) com os esquemas de composição e o partido (estilo) a ser adotado. É concebido como a integração do espaço edificado e esculpido (criação do espaço) com os esquemas compositivos pictóricos (representação do espaço), em uma relação de significação que, se bem percebida, há de separar a “idéia do conceito a ser expresso dos meios de expressão”. (PANOFSKY, 1979, p.24.)

Pelo que se depreende da documentação, a constituição desse programa iconográfico e paisagístico do PGC, teve o seu mentor principal no próprio Ministro, que manteve com alguns artistas intensa correspondência com exposição de motivos e idéias artísticas chegando, até mesmo, a indicar leituras básicas sobre determinados temas. Com alguns artistas, como Portinari e Lúcio Costa, dada a relação intensa de trabalho e convivência, travou amizades duradouras. Na missiva de Capanema a Portinari, datada de 07 de dezembro de 1942, há a definição categórica completa dos temas a serem representados pictoricamente nos espaços do edifício (alguns, de fato, nunca foram executados).

[...] Sobre as pinturas para o edifício do Ministério da Educação, penso que não mudarei de idéia quanto aos temas.

No salão de audiências, haverá os 12 quadros dos ciclos de nossa vida econômica, ou melhor, dos aspectos fundamentais da nossa evolução econômica. Falta fazer o último – a carnaúba –,

mudar de lugar o da borracha, e fazer de novo um que se destruiu.

Na sala de espera, o assunto será o que já disse – a energia nacional representada por expressões da nossa vida popular. No grande painel, deverão figurar o gaúcho, o sertanejo e o jangadeiro. Você deve ler o III capítulo da segunda parte de Os Sertões de Euclides da Cunha. Aí estão traçados da maneira mais viva os tipos do gaúcho e do sertanejo. Não sei que autor terá descrito o tipo do jangadeiro. Pergunte ao Manuel Bandeira.

No gabinete do ministro, a idéia que me ocorreu anteontem aí na sua casa parece a melhor: pintar Salomão no julgamento da disputa entre as duas mulheres. Você leia a história no terceiro livro dos Reis, capítulo III, versículo 16-28.

No salão de conferências, a melhor idéia ainda é a primeira: pintar num painel a primeira aula do Brasil (o jesuíta com os índios) e noutra, uma aula de hoje (uma aula de canto).

No salão de exposições, na grande parede do fundo deverão ser pintadas cenas da vida infantil.[...]

Em termos de atividade artística da época, pode-se considerar o Palácio Capanema como o paradigma do mecenato cultural na Era Vargas (1934-1945), tamanha a demanda de trabalho artístico sob encomenda – em que o artista se vê cerceado na sua liberdade criadora-, para a construção, ornamentação e decoração do edifício-sede do MES.

De cada encomenda depreende-se a intenção do ministro em orientar com riqueza de detalhes os artistas sobre o espírito do trabalho a ser realizado. De modo que, peça a peça, se erigisse um conjunto que viesse esteticamente a simbolizar o ‘Ministério do Homem’, termo a que recorria para precisar sua tarefa no MES de preparar, compor e afeiçoar o homem no Brasil. (Doc. 148 – Exposição de motivos de Gustavo a Getúlio Vargas, em 14 de junho de 1937. – GC/f 34.10.19 III-9 apud LISSOVSKY,1996, p. 220).

Percebe-se pela temática das obras pictóricas e escultóricas, que elas atendem a uma visão humanista e nacionalista do comitente, podendo agrupá-la em três divisões básicas de temas iconográficos, para efeito da melhor compreensão desse conjunto artístico: temas humanísticos, temas históricos e sociais e temas cívicos.

1.1.Temas humanísticos

Nesse grupo se destacam as seguintes obras escultóricas:

Prometeu estrangulando o abutre de Jacques Lipchitz, um tema humanístico por excelência

Os temas iconográficos humanistas principiam com a figura mitológica de Prometeu, o benfeitor da humanidade. Prometeu é considerado o criador dos primeiros homens que foram moldados em barro.

Capanema queria para a parede cega do auditório um tema edificante, manifesta, pois, a intenção de que “a escultura deverá representar uma vitória”. Em carta de Maria Martins a Gustavo Capanema, a artista plástica comenta a escolha salientando as qualidades de Jacques Lipschitz e seu Prometeu:

[...] Creio que o senhor não encontrará nenhum escultor mais digno que este para o monumento do ministério.[...] Já tem como idéia e símbolo da vitória um Prometeu libertado e já esmagando o abutre. Prometeu, que é o símbolo da inteligência, o deus que deu ao homem a “luz”, é de fato o melhor símbolo da vitória para um ministro da educação. Vitória do bem e da inteligência, não acha?

Os imortais da literatura clássica latina, portuguesa e brasileira

Camões (5º andar)

Homero e Virgílio (sala 609 – Divisão de Patrimônio Funarte)

Machado de Assis

José de Alencar (sala Portinari)

Gonçalves Dias

Castro Alves, de Bruno Giorgi

Presente aqui o valor humano das letras clássicas latinas e a influência dessas na literatura ocidental, na epopéia de Camões aos clássicos da literatura brasileira. Há, portanto, uma linearidade histórica e de valores estilísticos. Os escritores brasileiros retratados representam movimentos literários no Brasil, sobretudo do século XIX e início do XX – Gonçalves Dias e José de Alencar (indianismo – romantismo), Castro Alves (romantismo), Machado de Assis (realismo).

“O lugar da mulher”

Moça de Pé (Térreo – hall privativo), de Bruno Giorgi

Mulher Reclinada (Mezanino)

Mulher Reclinada (estudo) (2º Andar)

Mulher Ajoelhada (8º Andar – Sala da Presidência do IPHAN), juntamente com a Maternidade (atualmente exposta no canteiro central de praça em Botafogo) compunha uma tríade de Celso Antônio Mulher Sentada, de Adriana Janacopoulos (jardim suspenso)

Estas esculturas acima representam a mulher idealizada, na sua natureza física por meio do nu feminino. Na tradição da escultura clássica o nu era reservado aos homens, sendo as mulheres representadas, no máximo, seminuas.

Sobre a escultura Mulher Reclinada, de Celso Antonio, que ficava originalmente no jardim suspenso e ora está fixada no alto da escadaria do mezanino, há as observações contidas em uma crônica do diário de Carlos Drummond de Andrade:

Lá embaixo, no jardim suspenso do Ministério, a estátua de mulher nua de Celso Antônio, reclinada, conserva entre o ventre e as coxas um pouco de água da última chuva, que os passarinhos vêm beber, e é uma graça a conversão do sexo de granito em fonte natural. Utilidade imprevista das obras de arte. (ANDRADE,1985,p.13)

Capanema reservou, segundo estudiosos, um tratamento especial às mulheres, convertidos em dois planos:

Por um lado, haveria que proteger a família; por outro, haveria que dar à mulher uma educação adequada ao seu papel familiar. Os diversos projetos e propostas elaborados com este

objetivo mostram certa evolução, que vai desde uma divisão extrema de papéis entre os sexos até uma atitude mais conciliatória, que chega até mesmo a aceitar, em 1942, a co-educação, ainda que de forma excepcional. (SCHWARTZMAN, 2000, p.123)

Em uma conferência proferida no centenário do Colégio Pedro II, em 02 de dezembro de 1937, enfatiza a necessidade de educação distinta conforme a natureza sexual.

Os Quatro Elementos

O tema dos elementos foi objeto de análise tanto das ciências naturais quanto da reflexão filosófica através dos tempos. Esses ditos elementos naturais constituem as matérias sensíveis básicas presentes na natureza, segundo a concepção medieval de Guilherme de Conches (século XII), que foi quem deu “o nome de elemento aos átomos e de *elementata* à água, ao ar, à terra e ao fogo”. (ABAGNANO, 2003, p.309.).

Tudo indica que a escolha desse tema das telas “**Os Quatro Elementos**”: **Fogo, Água, Ar e Terra**, executadas na técnica a óleo e com medidas idênticas (200 x 250 cm), partiu do próprio ministro que se encarregou de estabelecer os motivos e os pormenores desse conjunto pictórico, segundo o que consta na carta endereçada a Portinari, em 31 de julho de 1944.

[...] Quanto aos quadros para pregar nas paredes, poderemos fixar o seu número em cinco. Quatro deverão versar sobre os temas de que outro dia lhe falei: água, fogo, terra e ar (os quatro elementos). O outro será um retrato do Padre Anchieta. Combinaremos depois as dimensões. (Arquivo Gustavo Capanema, CPDOC/FGV, série correspondência, GBC Portinari, r.5, 2f.)

1.2. Temas históricos e sociais

Nesse grupo destacamos os painéis pictóricos – afrescos, “Ciclos Econômicos”, e os murais em têmpera “Jogos Infantis”, “Escola de Canto”, “Coro”, de Cândido Portinari (1903-1962). Como anteriormente foi apontado na missiva de 07 de dezembro de 1937, o comitente dispunha que “haverá os 12 quadros dos ciclos de nossa vida econômica, ou melhor, dos aspectos fundamentais da nossa evolução econômica”.

As aspirações para uma civilização brasileira estão presentes nesses temas históricos dos “Ciclos Econômicos”, que fazem a junção entre as principais atividades econômicas desde o período colonial (pau-brasil, mineração do ouro, café, borracha, fumo), com as atividades econômicas consideradas acessórias e regionais (erva-mate, cacau, carnaúba). A teoria dos ciclos econômicos é bem datada no Brasil, tendo sido superada já faz algum tempo, segundo Rui Erthal (2000, p.49-74).

1.3. Temas cívicos

A Era Vargas, particularmente o Estado Novo (1937-1945), a que fez parte Capanema, foi marcada, sobretudo, pelo forte nacionalismo de inspiração autoritária. Segundo Schwartzman, “se as mulheres deveriam ser postas em seu lugar, caberia aos jovens um papel extremamente dinâmico no projeto político e social que se esboçava”. (SCHWARTZMAN, op.cit., p.139).

A Juventude Cívica, de inspiração hitlerista (há um estudo de Baldun Von Schirach sobre a organização da juventude hitlerista, no Arquivo Gustavo Capanema do CPDOC/FGV (GCg.1938.08.09)), fora objeto de um projeto inicial na gestão Francisco de Campos à frente do Ministério da Justiça. Estava em curso a idéia de se formar uma organização paramilitar de mobilização. Segundo Schwartzman, essa organização político-miliciana estava sob orientação exclusiva do presidente da república, dos ministros militares – do Estado de Guerra e da Marinha –, e do ministro da justiça.

A Organização Nacional da Juventude buscava “assistir e educar a mocidade, organizar para ela períodos de trabalho manual nos campos e oficinas, promover-lhe a disciplina moral e o adestramento físico, de maneira a prepará-la ao cumprimento dos seus deveres para com a economia e a defesa da nação”. (SCHWARTZMAN, 2000, p.140).

Sob essa perspectiva de civismo faz sentido analisar a presença do Monumento à Juventude Brasileira, de Bruno Giorgi, que atende ao propósito de enaltecer a força motriz futura da nação. O significado dessa obra foi tal que a pedra fundamental do Monumento à Juventude Brasileira foi lançada, em 19 de abril de 1944, dia do aniversário de nascimento de Getúlio Vargas. O modelo masculino foi o então jovem José Mauro de Vasconcellos, mais tarde romancista reconhecido.

A Revista Acadêmica, em número de homenagem a Bruno Giorgi traz uma carta inédita de Mário de Andrade ao ministro Capanema, que trata desse monumento, sendo a notícia transcrita aqui na íntegra.

A propósito do ‘Monumento à Juventude Brasileira’, Mario de Andrade teve oportunidade de escrever uma carta ao Ministro Gustavo Capanema. Dessa carta, que ainda não teve divulgação, damos aqui o trecho principal.

“Eu considero este grupo (o Monumento à Juventude Brasileira) de uma beleza admirável. Do ponto de vista abstrato a composição das formas é tão firme, os ritmos são tão claros, o movimento é tão franco, tão leal, as luzes são tão intensamente vibrantes, o material está tão bem compreendido e sentido... Do ponto de vista imagem o grupo é de uma fidelidade excepcional. Repare o que há de juvenil, de sadio, de feliz, de alegria. E no entanto, transpira um sentimento de dignidade humana, e elas são graves e nobres. Não sei como o Giorgi conseguiu conservar essa nobreza tão grave quase rápido até. Mas repare: não há dentro dum movimento tão decidido e um mais mínimo perigo de espevitamento. Nem de desperdício.

Mário de Andrade

S. Paulo, 16-10-43.

Na documentação no Arquivo Noronha Santos do IPHAN, há referências e menção à escultura “O Homem Brasileiro”, que ficara sob a incumbência de Celso Antônio, com medida estimada de dez metros de altura, sendo dela conhecida a maquete mostrada ao público na exposição do Estado Novo, de dezembro a janeiro de 1939. Para realizá-la o escultor solicita ao ministro a construção de um atelier no próprio edifício. É conhecido o bilhete de Roquete Pinto a Capanema, em 1938, em que emite uma opinião enfática – “Penso que o homem brasileiro deve ser representado na posição de quem marcha. Sentado? Nunca.” O projeto foi abandonado e depois impugnado por Capanema.

O ciclo de conferências “Nossos Mortos”, ocorrido sob os auspícios do ministério e com a presença certa do ministro a cada evento, intentava enaltecer os vultos da Pátria, tais como políticos (Ruy Barbosa), escritores (Machado de Assis, José de Alencar, Castro Alves, Gonçalves Dias), cientistas (Oswaldo Cruz), para quem sabe constituir um “altar da pátria”, expressão de um nacionalismo. O conjunto escultórico de Bruno Giorgi para o salão de audiências (atual Sala Portinari) pode, quem sabe, ser melhor compreendido a partir daí.